



MEMÓRIAS DA RURALIDADE NA ARTE

REMEMÓRIAS MUSEOLÓGICAS

J. M. VIEIRA DUQUE



— FUNDAÇÃO —
DIONÍSIO PINHEIRO
E ALICE CARDOSO PINHEIRO

Águeda - 2013

Certificado da peça

Galo ☐

Galinha ☐

Número de Série:

A Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro apresenta o projecto ***“Memórias da Ruralidade na Arte; Rememórias Museológicas”***, resultante da parceria com o barrista Carlos Dias, Barcelos, que muito tem contribuído para uma cada vez maior sensibilidade no trabalho do barro e, juntamente com Vieira Duque, Conservador do Museu, e o seu texto sobre Memória inspirado em Dionísio Pinheiro em obras expostas no Museu – 16 no total entre pintura a óleo, mobiliário, vidros, porcelanas chinesas ***“Companhia das Índias”***, criaram estes Galináceos.

Galináceos que nascem a partir de um par (números zero)– experiência e conquista de Carlos Dias sobre a matéria – e o culminar da dualidade Campo/Cidade em Dionísio Pinheiro – perspectiva rememorativa de Vieira Duque – numa edição limitada e de prestígio, com peças numeradas, numa contextualização idealizada artisticamente e ligada às artes do barro, da Museologia, da Conservação, gráficas e literárias.

Assim, foram executados 100 galos e 100 galinhas artesanalmente; assinados pelo autor e com a designação abreviada da Fundação; numeradas de 0 – 100 cada; e acompanhados por este certificado assinado e com o carimbo branco.

Vieira Duque (Conservador)

28 de Junho de 2013



A Memória é como o ventre da Alma.

Santo Agostinho, in Confissões



Prato c/ decoração de Figuras Europeias: **“A escolha de Rebeca”** Porcelana Chinesa, Comp^a das Índias

Dec. Rosa, Séc. XVIII | Diam. 322 | Inv. N^o 218 / 229



Galo (2013) - Carlos Dias (1967) |
Barros mistos | 293x210x160 | Inv. N° 1060 |



Galinha (2013) - Carlos Dias (1967) |
Barros mistos | 252x200x135 | Inv. N° 1061 |



Galinha - Comp^a das Índias,
Qing Qianlong (1736-1795), Séc. XVIII
Porcelana Chinesa | 355X228 | Inv. N^o 272 / 273



Galo - Comp^a das Índias,
Qing Qianlong (1736-1795), Séc. XVIII
Porcelana Chinesa | 387X228 | Inv. N^o 270 / 271

MEMÓRIAS DA RURALIDADE NA ARTE; REMEMÓRIAS MUSEOLÓGICAS

J. M. VIEIRA DUQUE

A prática gnóstica da museologia é autobiográfica. Assim, surgem as perspectivas do mundo que vão pautando os tempos da vida do indivíduo: as Memórias. *“Conservo todas estas coisas na memória e conservo-as na memória como as aprendi. Ouvi e conservo na memória muitas outras coisas que são alegadas, com a maior falsidade, contra estas; embora essas coisas sejam falsas, todavia não é falso que eu me lembre delas; e também me lembro de ter distinguido entre aquelas coisas, verdadeiras, e estas, falsas que são aduzidas em contrário, e agora vejo que distingo estas coisas de uma forma, ao passo que me lembro de as ter distinguido muitas vezes de outra forma, quando muitas vezes pensava nelas. Por isso, lembro-me muito mais vezes de ter compreendido estas coisas, e o que agora distingo e compreendo, guardo-o no fundo da memória, de maneira a que posteriormente me lembre de o ter compreendido agora. Por isso, lembro-me de me ter lembrado, assim como, posteriormente, se me recordar de que agora pude rememorar estas coisas, hei-de recordá-lo certamente pela força da memória.”* (Agostinho, 2004, p. 465)

Antes da invenção do primeiro alfabeto, todo o processo de transferência de informação era basicamente oral e, para tanto, os povos precisaram de desenvolver técnicas eficazes de memorização de forma a assegurar a sua unidade política, social e religiosa: a Arte da Memória!

Os antigos gregos consideravam a Memória uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosine, mãe das Musas, que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a colectividade. Tinha o poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registam a fisionomia, os gestos, os actos, os feitos e as palavras de um ser humano ou ente social, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais.

Como ilustração deste papel importantíssimo para a sociedade humana e espelhar a importância para o quotidiano de uma Memória viva, podemos reflectir sobre a lenda de Simónides Ceos, o poeta grego que ficou famoso pelos seus palácios de memória: Conta a lenda que o poeta foi convidado pelo rei a fazer um poema em sua homenagem, e, assim aconteceu. No entanto, o poeta dividiu o poema em duas partes, na primeira louvava o rei e, na segunda, os deuses Castor e Polux. O rei agradecido ofereceu um banquete no qual Simónides leu o poema e, no final, pediu o merecido pagamento. Como resposta, o rei disse-lhe que, como o poema também estava dedicado aos deuses, pagaria metade e a outra metade que a fosse pedir a Castor e a Polux. Logo depois, um mensageiro aproximou-se



O Meu Primeiro Ovo (1914) - José Girão (1840-1916)
Óleo s/ tela | 430X610 | Inv. N.º 20

de Simónides e disse-lhe que dois jovens o procuravam fora do palácio. O poeta saiu ao seu encontro mas não encontrou ninguém. Enquanto estava no jardim, o palácio desabou e todos morreram. Castor e Polux, os dois jovens que o fizeram sair do palácio, salvando-o, pagaram o poema. As famílias dos demais convidados desesperaram-se porque não conseguiam reconhecer os seus mortos. Simónides, porém, lembrava-se dos lugares e das roupas de cada um e pôde assim ajudar na identificação dos mortos.

Memória, em última instância, é conhecimento, como processo de aprendizagem, inerente, segundo Piaget, à faculdade do ser humano de pensar. O pensamento que comanda o ser humano e lhe atribui qualidades ímpares no reino animal permitindo-lhe modelar o mundo que o rodeia. Então, a actividade de pensar confere ao Homem e à Mulher asas para mover-se no mundo e raízes para aprofundar-se na realidade. Etimologicamente, pensar significa avaliar o peso de alguma coisa. Em sentido amplo, podemos dizer que o pensamento tem como missão tornar-se avaliador da realidade.

Sendo o pensamento construído e construtivo do conhecimento e, por sua vez, a Memória garante desse processo definido como aprendizagem presente e futura, cabe-lhe o papel de preservação do crescimento e emancipação.

Dionísio Pinheiro sai da sua ruralidade aos 11 anos para abraçar a cidade. Realidade constante numa vida cosmopolita, de crescimento e conquistas.

Campo/Cidade; Sonho/Realidade; caminho norteador de um percurso bilateral, abrangente, nunca redutor, e sempre imanente.

Para Descartes, a essência do homem é pensar, “*Penso, logo existo.*” Por isso dizia: “*Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que ignora, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente.*”. Assim é Dionísio Pinheiro; assim todos somos!

“*O que sentimos é somente o que sentimos. O que pensamos é somente o que pensamos. Porém o que, sentido ou pensado, novamente pensamos como outrem – é isto que se transmuta naturalmente em arte, e, esfriando, atinge forma*” (Pessoa, 1930).

Em forma de galináceos, tema recorrente nas obras presentes da exposição permanente do nosso Museu: “**GALINÁCEOS**”, 1942, óleo s/ madeira, de Portela Júnior; “**O MEU PRIMEIRO OVO**”, 1914, óleo s/ tela, de José Girão; “**VÉSPERAS DE BODA**”, 1926, óleo s/ tela, de Carlos Reis; “**PAISAGEM COM CASARIO E RIO**”, 1943, óleo s/ madeira, de José Bastos; **GALOS e GALINHAS**, peças de vulgo, QING QIANLONG (1736-95), China para exportação p/ Companhia das Índias, porcelana esmaltada decorada e policromada; pratos com decoração CAMAIEU ROSA representando “**A ESCOLHA DE REBECA**”, Séc. XVIII, China para exportação p/ Companhia das Índias; taça para chá profusamente decorada, Família Verde, Séc. XIX; mesa de encostar, BOULLE, Séc. XVIII, França, em madeira e metais; vários vidros

coloridos; Dionísio Pinheiro se permitiu sentir a sua infância, origem e destino, de uma vida feita de várias dualidades que lhe granjeou um enriquecimento eclético da estética que espelha esta nossa colecção de arte e que permite diálogos análogos à sua passagem por entre gentes, movimentos, quotidianos, desígnios. Mas mais ainda, Memória, talvez do que sente, do que foi e do que será, do que quer e deseja: do “*onde estamos!*”

Estou convencido de que quando tratamos a Museologia, é a forma das ideias e não a sua substância que conduz à tal imortalidade cantada desde Gilgamesh e guardada pelos românticos, nem tão-só o espírito clássico que vingou nos antiquários do pós Humanismo e nem mesmo a distorção possível em performances ou instalações artísticas que podem distorcer realidades e que tão profusamente se encontram como reflexo da necessidade da Humanidade procurar interpretar tudo e nada, conduzindo a vazios de conteúdo, oferecendo-nos uma herança parcial da História, rica possivelmente em objectos preservados, mas fazendo tábua rasa das ideias, atitudes, gestos... No mundo contemporâneo estes são os pressupostos essenciais do pedigree de uma sociedade.

Nada melhor para ilustrar esta ideia do que a epopeia de Gilgamesh, sendo o mais antigo texto literário escrito, significando “o velho que rejuvenesce”, rei da Suméria e fundador da cidade de Uruk, ano de 2700 a.C. Sendo 2/3 divino e 1/3 humano, filho da deusa Ninsun e do sacerdote Lugabanda, germinou uma len-

da que o tornou no protagonista da maior aventura pela imortalidade – Memória - e pelo conhecimento, “*Quero ao país dar a conhecer aquele que tudo viu, que conheceu os mares, que soube todas as coisas, que analisou o conjunto de todos os mistérios, Gilgamesh, o sábio universal que conheceu todas as coisas: ele viu as coisas secretas, trouxe o que estava escondido, e transmitiu-nos o saber mais antigo que o Dilúvio*” (Gilgamesh, 2003-2008). “*Quando os deuses criaram o homem atribuíram-lhe a Morte; mas a Vida, essa ficou para eles*” (Tamen, 2000, p. 58). O que buscamos nós num cemitério de lápides e jazigos?

Gilgamesh, “*Aquele que descobriu a origem*”, “*Aquele que viu tudo*”, confrontado com a angústia da morte, procurou Uta-Napishtim para conhecer o segredo da sua imortalidade por este ter sobrevivido ao dilúvio e recebido o dom da imortalidade pelos deuses. Com esse objectivo de viagem até ao conhecimento, encetou uma peregrinação pelo imaginário, por uma mesopotâmia museal, que bem poderia ter sido um dos pergaminhos semi-abertos de Kleio, ‘Musa Proclamadora’, levando-o por entre perigos e coragens, aventuras e receios, tal como hoje o coleccionador ou o museólogo, até encontrar aquele a quem os deuses concederam o dom da imortalidade, que lhe diz ser a morte uma realidade incontornável!

Importa agora falar em inocência, entendida como uma evolução natural, “*Não há inocentes; só aqueles que ainda não nasceram ou os que já estão mortos podem aspirar à inocência*” (Dagerman, Inocência). Imagem e reflexo do

tema “**GALINÁCEOS**”. Voltamos a Gilgamesh, e entendamos o momento em que Enkidu, seu amigo, ao beber a sabedoria pela cortesã, é desprovido da sua inocência e rejeitado pelos animais selvagens, tendo de ir para a cidade, onde trava combate com o rei e não havendo vitorioso, passam a comungar de uma amizade heroica. Viagem de Águeda para o Porto. Princípio, continuidade, fim, permanência!

No entanto, como sabemos, a morte apresenta-se a Gilgamesh, sendo a origem para a grande caminhada até ao conhecimento supremo, aquele que vence o esquecimento... No encontro com Uta-Napishtim, este desafia-o a buscar a planta no fundo do oceano cujos espinhos devolvem a juventude, logo que a achou, perdeu-a para uma cobra! Assim, Gilgamesh voltou para a sua cidade e disse, “*Sobe à muralha de Uruk, inspecciona o terraço das fundações e examina bem os tijolos; vê como são tijolos cozidos; não terão sido os sete sábios que assentaram estas fundações?*” (Tamen, 2000, p. 74).

“*Tudo isto era também obra de Gilgamesh, o rei, que conheceu os países do mundo. Ele era sábio, viu os mistérios e conheceu as coisas secretas; transmitiu-nos uma história dos dias antes do Dilúvio. Fez uma longa viagem, conheceu o cansaço, esgotou-se em trabalhos e, ao regressar, gravou numa pedra toda a história*” (Tamen, 2000, p. 75). Hoje, nesta prática museóloga, bebendo um pouco desta epopeia de Dionísio Pinheiro – tão-só ilustradora da realidade -, devemos-nos orientar pelo seguinte princípio: crescimento contínuo e permanente, imutável mas nunca impermeável às Memórias.

O convite à rememoração produtiva aponta-nos para o Futuro e liberta-nos do Passado nostálgico. Assim, este movimento, significa construção de utopias! Logo, novos paradigmas de e para o Património: Que Projeto Queremos para a Sociedade? Qual a Sociedade que queremos ver projectada no futuro? Quais são as nossas utopias e os novos paradigmas?

Ao trabalhar a Memória (ou Rememórias) sinto, de cada vez, um reenvio “*à vida, para que assim eu me prolongue e partilhe, para que a vida seja mais forte que a morte*” (Caldas, 2008, p. 83), esta constante fuga para o não esquecimento marca todas as gerações humanas, claramente negando a fonte de Olvido, porque ao partilhar memórias tornamos o mundo menos voltado ao egoísmo, estéril de tolerância e à rejeição do progresso social e cultural, que só por si podem garantir, num mundo global, as liberdades e garantias pelas diferenças e identidades. “*Desejaria, como Ricoeur diz também, «reabrir o passado para reavivar nele as potencialidades não cumpridas, impedidas, ou mesmo massacradas», particularmente aquelas que a proclamação do Evangelho reclama sempre que é ritualmente anunciado. Desejaria que as minhas explorações do passado não fossem viagens a um reino de sombras, nem mistificação de factos pretensamente privilegiados, mas revelação do que sempre de novo existe no passado, do que sempre de novo o traz até nós, do que sempre de novo nos impulsiona no presente, do que sempre de novo deveríamos transmitir a quem vier depois. Desejaria...*” (Mattoso, 2009, p. 8)

Hoje, a Museologia é feita com património concreto, material e imaterial, não sendo, então, o objecto o mais importante por si mesmo, mas sim, as memórias captadas a partir desses mesmos objectos. Assim, a preocupação com os objectos é legítima, porque preserva memórias inerentes a si. No entanto, o Museu tem uma inquestionável acção social premente, daí a sua iminente transdisciplinaridade que pressupõe uma estreita colaboração com artistas contemporâneos que podem contribuir para que os objectos museológicos materiais não sejam um fim, mas antes, um meio de alcançar a linguagem poética de memórias que encerram, trabalhando-a no sentido de comunicar com o público. Então, a Museologia – preservação de património - não é uma imensidão de objectos – artefactos – homogêneos e independentes entre si, pelo contrário, são um conjunto de artefactos heterogêneos e interligados e que constituem a representação histórica de ambientes a que deixamos de ter um contacto directo e devem, por certo, possuir um grau de significação e de coerência, que nos leve a reconstituições ou exposições de coisas perdidas ou ameaçadas, mas cujo tratamento esteja imbuído de rigor científico.

Ao cruzar com o barrista Carlos Dias e os seus galos, sublimidade e excelência da matéria e da técnica, compreendi ter chegado o momento de agarrar este desafio estético rememorativo do tema dos Galináceos nesta colecção museológica da Fundação; desafio de contar memórias; de estabelecer contextos intangíveis

de uma vivência através da tangibilidade dos objectos a criar a partir da inspiração promovida pelos objectos adquiridos e legados por Dionísio Pinheiro, presentes no quotidiano de um Conservador amante de uma estética proactiva e dinâmica de obras de arte distintas e operativas da rememória merecida.

Poderemos dizer que o Museu viverá da eterna luta do ser humano, no cumprir de um destino feito na constante dialéctica entre o entrelaçar de fios com que se integra e o desatar de nós com que se liberta. Isto é, através do Museu, o ser humano cumpre o seu destino de ser errante, num constante vai e vem entre o ‘Eu’ e o ‘Nós’, o parcial e o total, o imanente e o transcendente, o horrível e o belo, entre as amarras e a libertação, uma viagem de vai e vem, onde aqui e ali tropeça na realidade e mais além se agarra à fantasia, uma viagem cujo farol é o sonho e fim último, a plenitude. Daí, que o Museu seja necessário para que o humano se torne capaz de conhecer, mas, sobretudo, mudar o mundo.

Que estes galináceos, obra conjunta do barrista, do conservador, dos objectos, das memórias, das rememórias, tragam a todos Diálogos: *“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir”* (José Saramago).



Galinácios (1942) - Portela Júnior (1898-1985)
Óleo S/ madeira | 233x317 | Inv. N.º 62

Bibliografia

- Adorno, T. W. (2008).** Teoria Estética. Lisboa: Edições 70.
- Agostinho, S. (2004).** Confissões. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Aumont, J. (2009).** A imagem. Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Benjamin, W. (1992).** Sobre arte, técnica, linguagem e política. Lisboa: Relógio D'Água.
- Berger, J. (2005).** Modos de ver. Amadora: Editorial Gustavo Gili.
- Caldas, M. C. (2008).** Dar coisas aos nomes. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Carr-Gomm, S. (2003).** A linguagem secreta da arte. Lisboa: Editorial Estampa.
- Chagas, M. (2006).** Há uma gota de sangue em cada museu. Chapecó, Santa Catarina, Brasil: Argos Editora Universitária.
- Choay, F. (2008).** Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70.
- Dagerman, S. (2004).** A nossa necessidade de consolo é impossível de satisfazer. Lisboa: Fenda.
- Dagerman, S. (s.d.).** Inocência. Obtido em 16 de Novembro de 2008, de Citador: http://www.citador.pt/citacoes.php?Stig_Dagerman=Stig_Dagerman&cit=1&op=7&author=731&firstrec=0
- Gasset, J. O. (2003).** A desumanização da arte e outros ensaios de estética. Coimbra: Almedina.
- Gil, J. (2005).** Sem Título, escritos sobre arte e artistas. Lisboa: Relógio D'Água.
- Gilgamesh, A. E. (2003-2008).** Tábua I, 1-6. Obtido em 14 de Novembro de 2008, de Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora: [http://www.infopedia.pt/\\$a-epopeia-de-gilgamesh](http://www.infopedia.pt/$a-epopeia-de-gilgamesh).
- Goff, J. I. (1982).** História e memória. Lisboa: Edições 70.
- Gomm, S. C. (2003).** A linguagem secreta da arte. Lisboa: Editorial Estampa.
- Goodman, N. (2006).** Linguagens da arte. Lisboa: Gradiva.
- Graham, G. (2001).** Filosofia das artes, Introdução à Estética. Lisboa: Edições 70.
- Guillaume. (2003).** A política do património. Porto: Campo das Letras.
- Gusmão, A. N. (1995).** Estudos de arte e história. Lisboa: Vega.
- Huyssen, A. (1994).** Escapando da amnésia. (IPHAN, Ed.) Revista do Património Histórico e Artístico Nacional, nº 23.
- Gusman, J. (Ed.). (2002).** Jornadas Nacionales Año de las Naciones Unidas Del Patrimonio Cultural. Património Cultural Tangible e Intangible. Buenos Aires, Argentina: Centro Cultural Borges.
- Mattoso, J. (2009).** Naquele tempo. Rio de Mouro: Circulo de Leitores.
- Moutinho, M. C. (2007).** Definição evolutiva de Sociomuseologia. Lisboa/Setúbal: XIII Atelier Internacional do MINOM.
- Moutinho, M. C. (1989).** Reflexões sobre a função social do Museu. (U. L. Tecnologia, Ed.) Cadernos de Património, 5.
- Pessoa, F. (1930).** Carta a Casais Monteiro.
- Ponty, M. (2004).** O olho e o espírito. Lisboa: Vega.
- Primo, J. (2007).** A importância social dos objectos: Os processos de patrimonialização e de musealização como legitimadores da memória social. Lisboa/Setúbal: XIII Jornadas sobre a Função Social dos Museus - MINOM.
- Read, H. (2007).** Educação pela arte. Lisboa: Edições 70.
- Ribeiro, A. P. (2009).** À procura da escala. Lisboa: Cotovia.
- Rothko, M. (2007).** A realidade do artista. Lisboa: Livros Cotovia.
- Tamen, P. (2000).** Gilgamesh. Lisboa: Vega.
- Tàpies, A. (2002).** A prática da arte. Lisboa: Livros Cotovia.
- Tarkovskiaei, A. A. (2002).** Esculpir o tempo. São Paulo: Martins Fontes.
- Wilde, O. (1991).** O declínio da mentira. Lisboa: Vega.

Vértices Abruptos

João Pinho

As petúncias ensanguentadas
Corroem as falésias
Pelos descobridores atravessadas

Trazem as ninfas ao peito
As tempestades na cara
O cabelo já nada a preceito

Perdem-se no tempo
A azia aguda
Causa de meu sofrimento

Duas vacas captadas
No descampado verde alento
Um vértice abrupto

Nas açucenas múltiplas
Em direcção a Porto S. Bento
(PONTO) e (VÍRGULA)

Fiquei disperso, por um momento...

O poeta traz consigo
O fardo eterno de desconstruir versos
Para construir poemas dispersos
(ACENTO)

Circunflexo no qual revê-lo
Torna o poeta ainda mais belo
Agora volúveis, dissolúveis

Traem a dama antiga
Aquele que era mui
Minh'amiga.

Fui, foste-te
E cheguei-me
Vindo do além

Muita gente o teme
Pois dele medo tem
Agora as preciosas
(RETICÊNCIAS)

Para arruinar
Por completo
Tamanhas eloquências

Guilhotina,
Galho sina
Galo mina

Verso uma vez
(+)
Arruina.

Poema "Galo"

João Pinho

Galo no capoeiro
Pica, mói
Coxinha assada
Trinca, rói
Empreado
Debruçado no poleiro
Piripiri tiririca
Cospe, dói
Entalado no roupeiro
Pena a pena depenado
Frito e já embalado.



Vésperas da Boda (1926) - Carlos Reis (1863-1940)

Óleo s/ tela | 1285X1520 | Inv.Nº 11



Ficha Técnica

Apresentação do projecto:

Performance (trans-artística)

“Intangibilidade Patrimonial pela Ruralidade”

Maria Guia Pimpão | Pintura “Raízes”, acrílico s/ tela

Leocádia Regalo | Poema “Voltando às Raízes”

Andreia Morado | Dança Contemporânea

Joana Neves | Violoncelo

Ricardo Mocito | Declamação

Concepção e texto:

J. M. Vieira Duque

Barrista:

Carlos Dias

Poesia:

João Pinho

<http://poeta-perdido.blogspot.com>

Design / Produção:

Tekna Creative

www.teknacreative.com

Agradecimentos:

Duarte Fiadeiro de Cifantes e Leão ; José Vieira Gomes ;

António Santos ; Luis Arruda Martins

Águeda, 28 de Junho de 2013

Para obter mais informações sobre o projecto: www.fundacaodionisiopinheiro.pt/Menu/Loja/Projectos/Memorium



FUNDAÇÃO

DIONÍSIO PINHEIRO
E ALICE CARDOSO PINHEIRO

Águeda



www.fundacaodionisiopinheiro.pt